

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JULHO DE 1860

Nº 7

Aviso

O escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 1º de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 25 de maio.

Por proposta da comissão e após relato verbal, a Sociedade admite no número de seus sócios livres:

Sra. E..., de Viena, Áustria.

Assuntos Administrativos: A comissão propõe e a Sociedade adota as duas seguintes proposições:

1º Considerando que a Sociedade, nos termos do artigo 16 do regulamento, pode dar a conhecer, no fim de abril, a intenção da retirada de certos membros;

Que as nomeações feitas pela direção e comissão antes dessa época poderiam recair sobre membros que não continuariam a fazer parte da Sociedade;

Que não seria racional que aqueles que tivessem tal intenção participassem das nomeações,

Resolve o seguinte:

“As nomeações para a direção e para a comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa data.”

2º A Sociedade, considerando que uma ausência muito prolongada e não prevista dos membros da direção e da comissão pode entrar a marcha dos trabalhos;

Resolve o seguinte:

“Os membros da direção e da comissão que se ausentarem durante três meses consecutivos, sem justificativa, serão considerados demitidos de suas funções e providenciada a sua substituição.”

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo, obtido pela Sra. L..., sobre a *honestidade relativa*, assinado por Georges, Espírito familiar.

2º Outro, da Sra. Schmidt, acerca da *Influência do médium sobre o Espírito*, assinada por Alfred de Musset.

Relato de um fato concernente a duas pessoas, uma das quais é uma pobre moça, e cujas relações atuais são consequência das que existiam em sua precedente existência. Circunstâncias aparentemente fortuitas as puseram em contato, e as duas experimentaram reciprocamente uma simpatia que se revelou por singular coincidência de poder mediúnico. Interrogado sobre certos fatos, um Espírito superior disse que a jovem tinha sido filha da outra na existência anterior e havia sido abandonada; na presente existência foi posta em seu caminho, a fim de lhe dar oportunidade de reparar seus erros, protegendo-a, o que está disposta a fazer, apesar de sua situação bastante precária, pois só vive de seu trabalho.

Esse fato, que encerra detalhes do mais alto interesse, vem em apoio do que sempre tem sido dito sobre certas simpatias, cuja causa remonta a existências anteriores.

Indubitavelmente, esse princípio dá uma razão de ser a mais ao sentimento fraterno, que faz da caridade e da benevolência uma lei, porquanto aperta e multiplica os laços que devem unir a Humanidade.

Estudos:

1º Evocação da *grande Françoise*, uma das principais convulsionárias de Saint-Médard, da qual uma primeira evocação já foi publicada (ver o número de maio de 1860). Este Espírito foi chamado novamente, a pedido seu, com o objetivo de retificar a opinião emitida sobre o diácono Pâris. Acusa-se de o haver caluniado, desnaturando suas intenções e pensa que a retratação feita espontaneamente poderá poupar-lhe a merecida punição.

São Luís completa a comunicação com informes sobre os mundos destinados ao castigo dos Espíritos culpados.

2º Exame analítico e crítico das comunicações de Charlet sobre os animais. O Espírito desenvolve, completa e retifica certas afirmações que tinham parecido obscuras ou errôneas. Tal exame será continuado na próxima sessão (Publicado adiante).

3º Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pela Srta. Huet, sobre a continuação das Memórias de um Espírito; o segundo pela Sra. Lesc..., assinado por Georges, seu Espírito familiar, sobre o exame crítico que a Sociedade se propõe fazer das comunicações espíritas. O Espírito aprova muito esse gênero de estudo e o considera como um meio de prevenir as falsas comunicações.

Sexta-feira, 8 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 1º de junho.

A Sra. viúva G..., antigo membro titular, não fazendo parte da lista de 30 de abril, em cumprimento ao novo regulamento da Sociedade, escreve para explicar os motivos de sua abstenção, pedindo à Sociedade para ser reintegrada como associada livre. Com a anuência da Comissão, é admitida nessa qualidade.

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Lesc... e assinado por Delphine de Girardin, sobre as primeiras impressões de um Espírito. Apresenta um quadro poético e muito real das sensações que o Espírito experimenta ao deixar a Terra.

2º Outro ditado, pelo mesmo médium, assinado por Alfred de Musset, intitulado Aspirações de um Espírito.

3º O Sr. M..., de Metz, relata um fato interessante, pessoal, sobre a influência que um médium pode exercer sobre outra pessoa, para lhe desenvolver a faculdade mediúnica. Foi por tal meio que essa faculdade foi desenvolvida no Sr. M...; mas o que há de particular nessa circunstância é a constatação da ação a distância. Estando o médium em Châlons e o Sr. M... em Metz, combinaram a hora para a prova e o Sr. M... pôde constatar os momentos *precisos* em que o médium o influenciava ou cessava de

agir. Ainda mais: descreveu as impressões morais que o médium sentia, impressões que não podia suspeitar e, por outro lado, o médium escreveu as mesmas palavras traçadas pelo Sr. M...

Deu-se ainda com o mesmo médium um fato muito curioso de escrita direta espontânea, isto é, sem provocação e sem nenhuma intenção de sua parte, porque em tal absolutamente não pensava. Várias palavras, que não podiam ter outra origem, quando se conhecem as circunstâncias, foram inopinadamente achadas escritas, com manifesta intenção, e apropriadas à situação. Tendo tentado provocar nova manifestação semelhante, o médium nada conseguiu.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís: 1º Sobre o estado dos Espíritos; 2º Sobre o que se deve entender por esfera ou planeta das flores, de que falam alguns Espíritos; 3º Sobre as faculdades intelectuais latentes; 4º Sobre os sinais de reconhecimento para constatar a identidade dos Espíritos.

2º Evocação de Antoine T..., desaparecido há alguns anos, sem deixar indícios sobre o seu paradeiro. Reconhecida como inexata uma primeira evocação, ele explica o motivo e dá novos detalhes sobre sua pessoa. A experiência mostrará se são mais verídicos que os primeiros.

3º Evocação do astrólogo Vogt, de Munique, que se suicidou em 4 de maio de 1860. Pouco desprendido, seu Espírito ainda se acha sob o império das idéias que o tinham preocupado durante a vida.

4º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre a *Fatalidade*, assinado por *Lamennais*; o segundo pela Sra. Lesc..., assinado por *Delphine de Girardin*, sobre as *Mascaradas humanas*.

Sexta-feira, 15 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 8 de maio.

Por proposta da comissão a Sociedade admite, como sócios livres, o Sr. conde de N..., de Moscou, e o Sr. P..., proprietário em Paris.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma carta informando que em certas localidades o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo, e que membros bem esclarecidos desse corpo falam dele como de uma coisa chamada a exercer grande influência nas relações sociais.

2º Leitura de uma evocação particular, feita na casa do Sr. Allan Kardec, do Sr. J... Filho, de Saint-Etienne. Embora de interesse privado, essa evocação apresenta ensinamentos úteis pela elevação de pensamentos do Espírito chamado, tendo sido ouvida com vivo interesse.

3º Observação apresentada pelo Sr. Allan Kardec a respeito de uma predição que lhe foi submetida por um médium de seu conhecimento. Conforme tal predição, certos acontecimentos devem ocorrer em data fixa e, como constatação, o Espírito tinha dito ao médium que a fizesse assinar por várias pessoas, entre outras o Sr. Allan Kardec, a fim de poder certificar, quando de sua ocorrência, a época em que fora feita. Eu me recusei, disse o Sr. Allan Kardec, pelas seguintes considerações: “Muitos têm visto no Espiritismo um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo; quando acontecimentos futuros são anunciados e se realizam, trata-se sem dúvida de um fato excepcional e curioso, mas seria perigoso considerá-lo como regra. Por isso não quis que meu nome servisse para legitimar uma crença que falsearia o Espiritismo em seu princípio e em sua aplicação.”

Estudos:

1º Evocação de Thilorier, físico, que morrerá supondo ter encontrado o meio de substituir o vapor pelo ácido carbônico condensado, como força motriz. Reconhece que tal descoberta só existia em sua imaginação. (Publicada adiante).

2º Continuação do exame crítico das comunicações de Charlet sobre os animais. (Será publicado).

3º Evocação de um Espírito batedor que se manifesta ao filho do Sr. N..., membro da Sociedade, por efeitos físicos de certa originalidade. Disse ter sido tambor-mestre na banda de música militar do papa, e chamar-se *Eugênio*. Sua linguagem não desmente a qualidade que se atribui.

4º Ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre *o desenvolvimento das faculdades intelectuais*, a propósito da evocação de Thilorier, assinada por Georges, Espírito familiar. É de notar que esse Espírito muitas vezes adapta suas comunicações às circunstâncias presentes, o que prova que assiste às conversas, mesmo sem ser chamado. O fato produziu-se igualmente em várias outras ocasiões, da parte de outros Espíritos.

Outro, pelo Sr. Didier Filho, assinado por *Vauvenargues*, e contendo alguns pensamentos avulsos.

Sexta-feira, 22 de junho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 15 de junho.

Comunicações diversas:

1º Leitura de um ditado espontâneo obtido pela Sra. Lesc..., sobre o *Devaneio*, assinado por *Alfred de Musset*.

2º Relato de um fato de mediunidade natural espontânea, como médium escrevente, apresentado pela Sra. Lub..., membro da Sociedade. A pessoa é uma camponesa de quinze anos, que, sem possuir nenhum conhecimento do Espiritismo, escreve quase diariamente, por vezes páginas inteiras, de modo inteiramente mecânico. Uma intuição lhe diz que deve ser um Espírito que lhe fala, porque, quando se sente levada a escrever, toma um lápis dizendo: Vejamos o que ele vai me dizer hoje. Suas comunicações muitas vezes se referem a episódios da vida privada, seja para ela, seja para pessoas do seu conhecimento; quase sempre são de extrema justeza, mesmo para as coisas que ela ignora completamente. É provável que essa faculdade, se fosse cultivada e bem dirigida, desenvolver-se-ia de modo notável e útil.

Estudos:

1ª Perguntas sobre os animais de transição que podem preencher a lacuna existente na escala dos seres vivos, entre o animal e o homem. O estudo será continuado.

2ª Perguntas sobre os inventores e as descobertas prematuras, a propósito da evocação de Thilorier.

3ª Manifestações físicas produzidas pelo filho do Sr. N..., menino de treze anos, de que se falou na última sessão. O Espírito batador que se lhe vinculou o faz simular, com as mãos e os dedos, com incrível volubilidade, toda sorte de evoluções militares, como carga de cavalaria, manobras de artilharia, ataques de fortes, etc., tomando todos os objetos ao seu alcance para simular armas. Exprime os vários sentimentos que o agitam, como a cólera, a impaciência ou a zombaria, por violentas batidas e gestos de pantomima muito significativos. O que se nota, além disso, é a impassibilidade e a despreocupação do garoto, enquanto suas mãos e braços se entregam a essa espécie de ginástica. Torna-se evidente que todos os movimentos independem de sua vontade. Durante o resto da sessão, e mesmo quando já havia cessado a experiência, o

Espírito aproveitava a oportunidade para manifestar, a seu modo, o contentamento ou o mau humor a respeito do que se disse. Numa palavra, vê-se que se apodera dos membros do rapaz e os emprega como se fossem seus. Tal gênero de manifestações oferece um curioso objeto de estudo por sua originalidade, e pode dar a compreender a maneira pela qual os Espíritos agem sobre certos indivíduos.

Interrogado quanto às conseqüências que essas manifestações podem ter sobre o rapazinho, São Luís fez advertências de muita sabedoria e aconselhou não as provocar. Além disso, fez com que a Sociedade se comprometesse a não entrar nessa via de experiências, que teria como resultado o afastamento dos Espíritos sérios, e a continuar ocupando-se, como fez até agora, em aprofundar as questões importantes.

Frenologia e Fisiognomia²²

A frenologia é ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O Dr. Gall, fundador dessa ciência, pensava que, desde que o cérebro é o ponto para onde são conduzidas todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deveria ter ali o seu órgão especial. Assim, seu sistema consiste na localização das faculdades. Sendo o desenvolvimento de cada parte cerebral determinado pelo desenvolvimento da calota óssea, produzindo protuberâncias, concluiu ele que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou qual faculdade e, daí, o caráter ou as aptidões do indivíduo. Daí, também, o nome de *cranioscopia* dado a essa ciência, com a diferença de que a *frenologia* tem por objeto tudo o que diz respeito às atribuições do cérebro, enquanto a *cranioscopia* se limita às ilações tiradas da inspeção do crânio. Numa palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que fez Lavater para os traços fisionômicos.

22 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Não há por que discutir aqui o mérito desta ciência, nem examinar se é verdadeira ou exagerada em todas as suas conseqüências. Mas ela foi, alternadamente, defendida e criticada por homens de alto valor científico. Se certos detalhes são ainda hipotéticos, nem por isso deixa de repousar sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento ou a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O nosso objetivo é o estudo das suas conseqüências psicológicas.

Das relações existentes entre o desenvolvimento do cérebro e a manifestação de certas faculdades, alguns sábios concluíram que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades, doutrina que não é outra senão a do materialismo, porquanto tende à negação do princípio inteligente estranho à matéria. Conseqüentemente, faz do homem uma máquina, sem livre-arbítrio e sem responsabilidade de seus atos, já que sempre poderia atribuir os seus erros à sua organização e seria injustiça puni-lo por faltas que não teriam dependido dele cometer. Ficamos abalados pelas conseqüências de semelhante teoria, e com razão. Devia-se, por isso, proscrever a frenologia? Não, mas examinar o que nela poderia haver de verdadeiro ou de falso na maneira de encarar os fatos. Ora, esse exame prova que as atribuições do cérebro em geral, e mesmo a localização das faculdades, podem conciliar-se perfeitamente com o *espiritualismo* mais severo, que nisso encontraria a explicação de certos fatos. Admitamos, por um instante, a título de hipótese, a existência de um órgão especial para o instinto musical. Suponhamos, além disso, como nos ensina a Doutrina *Espírita*, que um Espírito, cuja existência é muito anterior ao seu corpo, reencarne com a faculdade musical muito desenvolvida; esta se exercerá naturalmente sobre o órgão correspondente e estimulará o seu desenvolvimento, como o exercício de um membro aumenta o volume dos músculos. Como

na infância o sistema ósseo oferece pouca resistência, o crânio sofre a influência do movimento expansivo da massa cerebral. Desse modo, o desenvolvimento do crânio é produzido pelo desenvolvimento do cérebro, assim como o desenvolvimento do cérebro o é pelo da faculdade. A faculdade é a causa primeira; o estado do cérebro é um efeito consecutivo. Sem a faculdade o órgão não existiria ou seria apenas rudimentar. Encarada sob esse ponto de vista, a frenologia, como se vê, nada tem de contrário à moral, porquanto deixa ao homem toda a sua responsabilidade, cabendo-nos acrescentar que esta teoria é, ao mesmo tempo, conforme à lógica e à observação dos fatos.

Objetam com os casos bem conhecidos, nos quais a influência do organismo sobre a manifestação das faculdades é incontestável, como os da loucura e da idiotia, mas é fácil resolver a questão. Vêem-se todos os dias homens muito inteligentes tornarem-se loucos. O que prova isto? Um homem muito forte pode quebrar a perna e não poderá mais andar. Ora, a vontade de andar não está na perna, mas no cérebro; esta vontade só é paralisada pela impossibilidade de mover a perna. No louco, o órgão que servia às manifestações do pensamento, estando avariado por uma causa física qualquer, o pensamento já não pode manifestar-se de maneira regular; erra a torto e a direito, fazendo o que chamamos extravagâncias. Mas nem por isso deixa de existir em sua integridade, e a prova disso está em que, se o órgão for restabelecido, volta o pensamento original, como o movimento da perna que é curada. Assim, o pensamento não está no cérebro, como não se encontra na calota craniana. O cérebro é o instrumento do pensamento, como o olho é o instrumento da visão, e o crânio é a superfície sólida que se molda aos movimentos do instrumento. Se o instrumento for deteriorado não ocorrerá manifestação, exatamente como não se pode mais ver ao se perder um olho.

Entretanto, por vezes acontece que a suspensão da livre manifestação do pensamento não se deve a uma causa acidental,

como na loucura. A constituição primitiva dos órgãos pode oferecer ao Espírito, desde o nascimento, um obstáculo do qual sua atividade não pode triunfar. É o que acontece quando os órgãos são atrofiados ou apresentam uma resistência insuperável. Tal é o caso da idiotia. O Espírito está como que aprisionado e sofre essa constrição, mas nem por isso deixa de pensar como Espírito, do mesmo modo que um prisioneiro atrás das grades. O estudo das manifestações do Espírito de pessoas vivas, pela evocação, lança uma grande luz sobre os fenômenos psicológicos. Isolando o Espírito da matéria, prova-se pelos fatos que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos, com o auxílio dos quais as faculdades se manifestam com maior ou menor liberdade ou precisão; que muitas vezes funcionam como abafadores, que amortecem as manifestações, o que explica a maior liberdade do Espírito, uma vez desprendido da matéria.

No conceito materialista, o que é um idiota? Nada; é apenas um ser humano. Conforme a Doutrina Espírita é um ser dotado de razão como todo mundo, mas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são pelos membros. Ao reabilitá-lo, não será tal doutrina mais moral, mais humana, que a que dele faz um ser desprezível? Não é mais consolador para um pai, que tem a infelicidade de ter um tal filho, pensar que esse envoltório imperfeito encerra uma alma que pensa?

Aos que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntaremos: O que é a alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo com o corpo, por que criaria Deus seres assim desgraçados? Qual será o seu futuro? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências e tudo se explica conforme a justiça: a idiotia pode ser uma punição ou uma prova e, em todo caso, não passa de um incidente na vida do Espírito. Isto não é maior, mais digno da justiça de Deus, do que supor que o Pai tenha criado um ser fracassado para sempre?

Agora lancemos as vistas para a *fisiognomonía*. Esta ciência é baseada no princípio incontestável de que é o pensamento que põe os órgãos em jogo, que imprime aos músculos certos movimentos. Daí se segue que, estudando as relações entre os movimentos aparentes e o pensamento, dos movimentos vistos podemos deduzir o pensamento, que não vemos. É assim que não nos enganaremos quanto à intenção de quem faz um gesto ameaçador ou amigável; que reconheceremos o modo de andar de um homem apressado e o do que não o é. De todos os músculos, os mais móveis são os da face; ali se refletem muitas vezes até os mais delicados matizes do pensamento. Eis por que, com razão, se diz que o rosto é o espelho da alma. Pela freqüência de certas sensações, os músculos contraem o hábito dos movimentos correspondentes e acabam formando a ruga. A forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes se podem deduzir essas impressões, como do gesto podemos deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, se se quiser, da ciência fisiognomônica. Este princípio é verdadeiro; não apenas se apóia sobre base racional, mas é confirmado pela observação, tendo Lavater a glória, se não de o haver descoberto, pelo menos de o ter desenvolvido e formulado em corpo de doutrina. Infelizmente, Lavater caiu no erro comum à maioria dos autores de sistemas, ou seja, a partir de um princípio verdadeiro sob certos pontos, concluírem por uma aplicação universal e, em seu entusiasmo por terem descoberto uma verdade, a vê-la por toda parte. Eis aí o exagero e, muitas vezes, o ridículo. Não nos cabe examinar aqui o sistema de Lavater em seus detalhes: diremos apenas que tanto é ele conseqüente ao remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico ao atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode exercer nenhuma ação. É a falsa aplicação de um princípio verdadeiro que muitas vezes o relega ao nível das crenças supersticiosas, e que leva a confundir na mesma reprovação os que vêm certo e os que exageram.

Digamos, entretanto, para ser justo, que muitas vezes a falta é menos do mestre que dos discípulos que, em sua admiração fanática e irrefletida, por vezes levam as conseqüências de um princípio além dos limites do possível.

Agora, se examinarmos esta ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos de combater várias induções errôneas que dela poderiam ser tiradas. Entre as relações fisiognomônicas, existe principalmente uma sobre a qual a imaginação muitas vezes se exerceu: é a semelhança de algumas pessoas com certos animais. Procuremos, então, buscar a causa.

A semelhança física entre os parentes resulta da consangüinidade que transmite, de um a outro, partículas orgânicas semelhantes²³, porque o corpo procede do corpo. Mas não poderia vir ao pensamento de ninguém supor que aquele que se parece com um gato, por exemplo, tenha nas veias o sangue de gato. Há, pois, uma outra causa. De início, pode ser fortuita e sem qualquer significação: é o caso mais comum. Todavia, além da semelhança física, nota-se por vezes uma certa analogia de inclinações. Isto poderia explicar-se pela mesma causa que modifica os traços da fisionomia. Se um Espírito ainda atrasado conserva alguns dos instintos do animal, seu caráter, como homem, terá esses traços, e as paixões que o agitam poderão dar a esses traços algo que lembre vagamente os do animal cujos instintos possui. Mas esses traços se apagam à medida que o Espírito se depura e o homem avança no caminho da perfeição.

Aqui, portanto, seria o Espírito a imprimir sua marca na fisionomia; mas da similitude dos instintos seria absurdo concluir que o homem, que tem os do gato, possa ser a encarnação do Espírito de um gato. Longe de ensinar semelhante teoria, o

23 **N. do T.:** *Kardec* serviu-se das teorias científicas da época. Só em 1865 Mendel publicaria seus primeiros trabalhos de genética, enquanto a molécula de DNA, base da hereditariedade, nem sequer era sonhada.

Espiritismo sempre demonstrou o seu ridículo e a sua impossibilidade. É verdade que se nota uma gradação contínua na série animal; mas entre o animal e o homem há uma solução de continuidade. Ora, mesmo admitindo, o que é apenas um sistema, que o Espírito tenha passado por todos os graus da escala animal, antes de chegar ao homem, haveria sempre, de um ao outro, uma interrupção que não existiria se o Espírito do animal pudesse encarnar-se diretamente no corpo do homem. Se assim fosse, entre os Espíritos errantes haveria os de animais, como há Espíritos humanos, o que não acontece.

Sem entrar no exame aprofundado desta questão, que discutiremos mais tarde, dizemos, conforme os Espíritos, que nisto estão de acordo com a observação dos fatos, que nenhum homem é a reencarnação do Espírito de um animal. Os instintos animais do homem decorrem da imperfeição de seu próprio Espírito, ainda não depurado e que, sob a influência da matéria, dá preponderância às necessidades físicas sobre as morais e sobre o senso moral, não ainda suficientemente desenvolvido. Sendo as mesmas as necessidades físicas no homem e no animal, necessariamente resulta que, até o senso moral estabelecer um contrapeso, pode haver entre eles uma certa analogia de instintos; mas aí se detém a paridade; o senso moral que não existe num, e que no outro germina e cresce incessantemente, estabelece entre eles a verdadeira linha de demarcação.

Uma outra indução não menos errônea é tirada do princípio da pluralidade das existências. Da sua semelhança com certas personagens, algumas concluem que podem ter sido tais personagens. Ora, do que precede, é fácil demonstrar que aí existe apenas uma idéia quimérica. Como dissemos, as relações consangüíneas podem produzir uma similitude de formas, mas não é este aqui o caso, pois Esopo pode ter sido mais tarde um homem bonito e Sócrates um belo rapaz. Assim, quando não há filiação corporal, só haverá uma semelhança fortuita, porquanto não há

nenhuma necessidade para o Espírito habitar corpos parecidos e, ao tomar um novo corpo, não traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, conforme o que dissemos acima, quanto ao caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente e retorna com as mesmas inclinações, poderá trazer no rosto identidade de expressão. Isto é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Aliás, este caso deve ser excepcional, pois é raro que o Espírito não venha em outra existência com disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisiognômicos não se pode tirar absolutamente nenhum indício das existências anteriores. Só podemos encontrá-las no caráter moral, nas idéias instintivas e intuitivas, nas inclinações inatas, nas que não resultam da educação, assim como na natureza das expiações suportadas. E ainda isto só poderia indicar o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, levando em conta o progresso, mas não a individualidade. (Vide *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217).

Os Fantasmas

A academia assim define essa palavra: “Diz-se dos Espíritos que se supõe voltarem do outro mundo.” Ela não diz *que voltam*; só os espíritas podem ser bastante loucos para ousarem afirmar semelhantes coisas. Seja como for, pode dizer-se que a crença nos fantasmas é universal. Evidentemente se funda na intuição da existência dos Espíritos e na possibilidade de comunicação com eles. A esse título, todo Espírito que manifesta sua presença, seja pela escrita de um médium, ou simplesmente batendo numa mesa, seria um fantasma. Mas esse nome quase sepulcral geralmente é reservado para os que se tornam visíveis e que se *supõe*, como diz com razão a Academia, vir em circunstâncias mais dramáticas. São histórias de comadres? O fato em si, não; os acessórios, sim. Sabe-se que os Espíritos podem

manifestar-se à vista, mesmo em forma tangível – eis o que é real. Mas o que é fantástico são os acessórios; o medo, que tudo exagera, ordinariamente acompanha esse fenômeno, em si tão simples, o qual se explica por uma lei muito natural; conseqüentemente, nada tem de maravilhoso ou de diabólico. Por que, então, se tem medo dos fantasmas? Precisamente por causa desses mesmos acessórios, que a imaginação se apraz em tornar apavorantes, porque ela se assustou e talvez acreditasse ter visto o que não viu. Em geral são representados sob aspecto lúgubre, vindo de preferência à noite, sobretudo nas noites mais sombrias, em horas fatais, aos lugares sinistros, revestidos de mortalhas extravagantes. O Espiritismo ensina, ao contrário, que os Espíritos podem mostrar-se em todos os lugares, a qualquer hora, de dia como de noite; que em geral o fazem sob a aparência que tinham em vida, e que só a imaginação criou os fantasmas; que os que aparecem, longe de ser temidos, na maioria das vezes são parentes ou amigos que vêm a nós por afeição, ou Espíritos infelizes que podemos assistir. Também são, algumas vezes, galhofeiros do mundo espiritual, que se divertem à nossa custa e se riem do medo que causam. Compreende-se que com estes o melhor meio é rir também, e provar-lhes que não se os teme. Aliás, limitam-se quase sempre a fazer barulho e raramente se tornam visíveis. Infeliz de quem os leva a sério, pois redobram nas travessuras; seria o mesmo que exorcizar um moleque de Paris. Mesmo supondo que seja um Espírito mau, que mal poderia fazer? Um valentão vivo não seria cem vezes mais temível do que um morto que se tornou Espírito? Aliás, sabemos que estamos constantemente rodeados por Espíritos, que só diferem dos que chamamos fantasmas porque não os vemos.

Os adversários do Espiritismo não deixarão de o acusar por dar crédito a uma crença supersticiosa. Mas sendo o fato das manifestações visíveis, constatado, explicado pela teoria e confirmado por inúmeras testemunhas, não se pode dizer que não existam, e todas as negações não o impedirão de se reproduzir, porquanto poucas pessoas há, que consultando suas lembranças,

não se recordem de algum fato dessa natureza e que não podem pôr em dúvida. É preferível, portanto, que nos esclareçamos sobre o que há de verdadeiro ou de falso, de possível ou de impossível nas narrativas desse gênero. É explicando uma coisa, raciocinando, que nos premunimos contra o medo pueril. Conhecemos muitas pessoas que tinham pavor dos fantasmas. Hoje, graças ao Espiritismo sabem o que é isto, e seu maior desejo é ver um. Conhecemos outras que tiveram visões que as terrificaram; agora, que as compreendem, não mais se inquietam. Conhecem-se os perigos do mal do medo para os cérebros fracos. Ora, um dos resultados do conhecimento do Espiritismo esclarecido é precisamente curar esse mal, e não é esse um dos seus menores benefícios.

Lembrança de uma Existência Anterior

(Sociedade, 25 de maio de 1860)

Um dos nossos assinantes nos envia uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos o seguinte trecho:

“Perguntastes a minha opinião, ou melhor, a minha crença, na presença ou não, junto a nós, das almas dos que amamos. Pedis, também, algumas explicações relativas à minha convicção de que nossas almas mudam de envoltório com muita rapidez.

“Por mais ridículo que pareça, direi que guardo a sincera convicção de ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu. Eu era muito criança quando tal lembrança veio ferir a minha imaginação. Mais tarde, ao ler essa triste página de nossa História, pareceu que muitos detalhes me eram conhecidos, e ainda creio que, se a velha Paris pudesse ser reconstruída, eu reconheceria aquela alameda sombria, onde, fugindo, senti o frio de três punhaladas nas costas. Há detalhes desta cena sangrenta que se

conservam na minha memória e que jamais desapareceram. Por que tinha eu essa convicção antes de saber o que tinha sido a noite de São Bartolomeu? Por que, ao ler o relato desse massacre, perguntei a mim mesmo: é meu sonho, esse sonho desagradável que tive em criança, cuja lembrança me ficou tão viva? Por que, quando quis consultar a memória, forçar o pensamento, fiquei como um pobre louco ao qual surge uma idéia e que parece lutar para lhe descobrir a razão? Por quê? Nada sei. Por certo me achareis ridículo, mas nem por isso guardarei menos a lembrança, a convicção.

“Se vos dissesse que eu tinha sete anos quando tive um sonho assim: Eu tinha vinte anos, era jovial, bem-posto, e penso que rico. Vim bater-me em duelo e fui morto. Se dissesse que a saudação feita com a arma, antes de me bater, eu a fiz pela primeira vez que tive um florete na mão; se dissesse que cada preliminar mais ou menos graciosa que a educação ou a civilização pôs na arte de se matar me era desconhecida antes de minha educação nas armas, diríeis, sem dúvida, que sou louco ou maníaco. Bem pode ser; mas às vezes me parece que um clarão penetra nesse nevoeiro e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece em minha alma.

“Se me perguntásseis se creio na simpatia entre as almas, em seu poder de se porem em contato entre elas, malgrado a distância, apesar da morte, eu vos responderia: Sim; e este sim seria pronunciado com toda a força de minha convicção. Aconteceu encontrar-me a vinte e cinco léguas de Lima, após oitenta e seis dias de viagem, e despertar em lágrimas, com uma verdadeira dor no coração; uma tristeza mortal apoderou-se de mim durante todo o dia. Anotei o fato em meu diário. Àquela hora, na mesma noite, meu irmão foi acometido por um ataque de apoplexia, que comprometeu gravemente a sua vida. Confrontei o dia, o instante: tudo era exato. Eis um fato; as pessoas existem. Direis que sou louco?

“Não li nenhum autor que tenha tratado de semelhante assunto. Fa-lo-ei quando retornar. Talvez dessa leitura possa jorrar um pouco de luz para mim.”

O Sr. V..., autor desta carta, é oficial da marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças; mas haveria a impossibilidade de o prevenir de nossa intenção e, por outro lado, considerando-se a sua profissão, poderia ser difícil encontrar o momento propício. Todavia, disseram-nos que chamássemos o seu anjo-da-guarda, quando quiséssemos evocá-lo, e ele nos diria se poderíamos fazê-lo.

1. Evocação do anjo-da-guarda do Sr. V...

Resp. – Atendo ao vosso chamado.

2. Conheceis o motivo que nos leva a desejar evocar o vosso protegido. Não se trata de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se for possível, um fato interessante para a ciência espírita: o da recordação de sua existência anterior.

Resp. – Compreendo o vosso desejo, mas neste momento seu Espírito não se acha livre; está ativamente ocupado pelo corpo e numa inquietação moral que o impede de repousar.

3. Ainda está no mar?

Resp. – Está em terra; mas poderei responder a algumas perguntas, porque aquela alma foi sempre confiada à minha guarda.

4. Já que tendes a bondade de responder, perguntaremos se a lembrança que ele julga ter conservado de sua morte numa existência anterior é uma ilusão.

Resp. – É uma intuição muito real. Na época essa pessoa vivia muito bem na Terra.

5. Por que motivo essa lembrança lhe é mais precisa do que para outros? Há nisso uma causa fisiológica ou uma utilidade particular para ele?

Resp. – Essas lembranças vivazes são muito raras. Dependem um pouco do gênero de morte, que de tal modo o

impressionou que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Entretanto, muitas outras criaturas tiveram mortes igualmente terríveis, mas a lembrança não lhes ficou. Só raramente Deus o permite.

6. Depois dessa morte, ocorrida na noite de São Bartolomeu, teve ele outras existências?

Resp. – Não.

7. Que idade tinha quando morreu?

Resp. – Uns trinta anos.

8. Pode-se saber o que ele era?

Resp. – Era ligado à casa de Coligny.

9. Se tivéssemos podido evocá-lo, ter-lhe-famos perguntado se recorda o nome da rua onde foi assassinado, a fim de ver se, indo a esse local, quando voltar a Paris, a lembrança da cena lhe será ainda mais precisa.

Resp. – Foi no cruzamento de Bucy.

10. A casa onde foi morto ainda existe?

Resp. – Não; foi reconstruída.

11. Com o mesmo objetivo teríamos perguntado se recorda o nome que tinha.

Resp. – Seu nome não é conhecido na História, pois era simples soldado. Chamava-se Gaston Vincent.

12. Seu amigo, aqui presente, gostaria de saber se ele recebeu suas cartas.

Resp. – Ainda não.

13. Éreis seu anjo-da-guarda naquela época?

Resp. – Sim, então e agora.

Observação – As pessoas cépticas, mais brincalhonas do que sérias, poderiam dizer que seu anjo-da-guarda o protegeu mal e perguntar por que não desviou a mão que o feriu. Embora semelhante questão mereça apenas uma resposta, algumas palavras a respeito talvez não sejam inúteis.

Primeiramente diremos que, estando o morrer na natureza do homem, não está no poder de nenhum anjo-da-guarda opor-se ao curso das leis da Natureza. Do contrário, não haveria razão para que também não impedissem a morte natural, tanto quanto a accidental. Em segundo lugar, estando o momento e o gênero de morte no destino de cada um, é preciso que esse destino se cumpra. Finalmente, diremos que os Espíritos não encaram a morte como nós: a verdadeira vida é a do Espírito, da qual as diversas existências corporais não passam de episódios. O corpo é um invólucro que o Espírito reveste momentaneamente e deixa como uma roupa *usada* ou *rasgada*. Pouco importa, pois, que se morra um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, desta ou daquela maneira, pois que, em última análise, sempre é preciso que se chegue lá, e essa morte, longe de prejudicar o Espírito, pode ser-lhe bastante útil, conforme a maneira por que se realiza. É o prisioneiro que deixa sua prisão temporária para fruir a liberdade eterna. Pode ser que o fim trágico de Gaston Vincent tenha sido uma coisa útil para ele, como Espírito, o que seu anjo-da-guarda compreendia melhor que ele, porquanto um, não via senão o presente, ao passo que o outro vislumbrava o futuro. Espíritos retirados deste mundo por uma morte prematura, na flor da idade, muitas vezes nos responderam que era um favor de Deus, que, assim, os havia preservado dos males aos quais, sem isto, estariam expostos.

Os Animais

(Dissertações espontâneas feitas pelo Espírito Charlet,
em várias sessões da Sociedade)

I

Há uma coisa entre vós que sempre vos excita a atenção e a curiosidade. Esse mistério, pois que o é e muito grande para vós, é a ligação ou, melhor dizendo, a distância existente entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon, o mais poético dos naturalistas, e Cuvier, o mais profundo, jamais puderam penetrar, assim como o escalpelo não vos detalha

a anatomia do coração. Ora, como sabeis, os animais vivem, e tudo que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.

Assim sendo, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não segundo o tempo, mas conforme a perfeição, mais penetrará a ciência espiritual, a qual se aplica não somente a vós, mas ainda aos seres que estão abaixo de vós: os animais. Oh! exclamarão alguns homens, persuadidos de que a palavra *homem* significa todo o aperfeiçoamento: Haverá um paralelo possível entre o homem e o bruto? Podeis chamar inteligência o que não passa de instinto? Sentimento o que é apenas sensação? Podeis, numa palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: houve um tempo em que a metade do gênero humano era considerada no nível do irracional, onde o animal nada contava; outro tempo, agora o vosso, em que a metade do gênero humano é encarada como inferior e o animal como bruto. E então? Do ponto de vista do mundo é assim, certamente; do ponto de vista espiritual é completamente diferente. O que os Espíritos superiores diriam do homem terrestre, os homens dizem dos animais.

Tudo é infinito em a Natureza: o material como o espiritual. Ocupai-vos, pois, um pouco, desses pobres irracionais, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive realmente, já que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a respeito. Aliás, quando vivo eu havia dito que a melhor companhia do homem era o cão.

Continua no próximo número.

Charlet

II

O mundo é uma escada imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrendo caos. Quero dizer que o

mundo não é senão um progresso constante dos seres. Estais muito embaixo, sempre, mas haverá muitos abaixo de vós. Porque, ouvi bem, não falo apenas do vosso planeta, mas também de todos os mundos do Universo. Não temais, pois nos limitaremos à Terra.

Antes disso, entretanto, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, do qual o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns esboços, tão estranhos e sobrenaturais para a vossa imaginação. Lembrai-vos de que num desses encantadores desenhos ele vos apresentara alguns animais de Júpiter? Não há neles um progresso evidente e lhes podeis negar um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E nisso apenas vedes um progresso de forma e não de inteligência, embora a atividade de que se ocupam não possa ser executada pelos animais da Terra? Só vos cito este exemplo para vos indicar que já existe uma superioridade de seres que estão muito abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, isto é, cinco ou seis? Mas, somente na Terra, vede a diferença existente entre eles! Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, que mesmo na matéria há progresso, podeis negar o progresso espiritual desses seres? Ora, como o sabeis, se a matéria progride, mesmo a mais elementar, com mais forte razão o Espírito que a anima.

Continuarei da próxima vez.

Charlet

Nota – Com o número de agosto de 1858 publicamos uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito Bernard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que foi sempre designado como um dos mundos mais adiantados de nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto. Entre outros, há um que representa uma cena de animais, em atividade na parte que lhes é reservada na casa de Zoroastro. Indubitavelmente, é um dos mais curiosos da coleção.

Entre os animais figurados, há uns cuja forma se aproxima bastante da forma humana terrestre, tendo ao mesmo tempo algo do macaco e do sátiro. Sua ação denota inteligência e compreende-se que sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais que executam para os homens. São, como já foi dito, os serviçais e os operários, pois os homens só se ocupam dos trabalhos da inteligência. É a esse desenho, feito há mais de três anos, que alude Charlet na comunicação acima.

III

Nos mundos adiantados os animais são de tal modo superiores que, para eles, a mais rigorosa ordem é dada pela palavra, e entre vós, muitas vezes, a pauladas. Em Júpiter, por exemplo, basta uma palavra, enquanto entre vós as chicotadas não são suficientes. Todavia, há um sensível progresso em vossa Terra, jamais explicado: é que o próprio animal se aperfeiçoa. Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. Também há progresso de vossa parte, por terdes instintivamente compreendido esse aperfeiçoamento dos animais, pois que vos proibis de bater-lhes. Eu dizia que há progresso moral no animal. Há também progresso de condição. Assim, um infeliz cavalo açoitado, ferido por um carroceiro mais bruto que ele, estará, comparativamente, numa condição muito mais tranqüila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é de toda justiça, e devemos nos admirar de que um animal que sofre, que chora, que é reconhecido ou vingativo, conforme a doçura ou a crueldade de seus donos, seja recompensado por haver pacientemente suportado uma vida repleta de torturas? Antes de tudo, Deus é justo e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e estas dizem: “Todo ser fraco que tiver sofrido será recompensado.” Sempre comparativamente ao homem, entendo, e ousa acrescentar, para terminar, que o animal, em muitas circunstâncias, tem mais alma e mais coração que o homem.

A superioridade do homem se manifesta em vosso globo por essa elevação da inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem, o animal é muito fraco, muito insignificante e, pobre cativo dessa terra de provação, muitas vezes tem que suportar os caprichos cruéis de seu tirano: o homem! A antiga metempsicose era uma lembrança muito confusa da reencarnação e, no entanto, essa doutrina não passa de crença popular. Os grandes Espíritos admitiam a reencarnação progressiva. A massa ignorante, não compreendendo como eles o Universo, dizia naturalmente: Já que o homem reencarna, isto não pode ocorrer senão na Terra; então sua punição, seu tártaro, sua provação é a vida no corpo de um animal; absolutamente como na Idade Média os cristãos diziam: É no grande vale que se dará o julgamento, após o que os danados irão para o interior da terra, queimar-se em suas entranhas.

Crendo na metempsicose, os Antigos acreditavam, portanto, em espíritos de animais, já que admitiam a passagem da alma humana para corpos de animais. Pitágoras lembrava-se de sua antiga existência e reconhecia o escudo que usava no cerco de Tróia. Sócrates morreu predizendo sua nova vida.

Desde que, como vos disse, tudo é progresso no Universo, desde que as leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso, do ponto de vista em que estais, do ponto de vista de vossas tendências espiritualistas, não admitir o progresso do que está abaixo do homem seria um contra-senso, uma prova de ignorância ou de completa indiferença.

Como o homem, o animal tem aquilo a que chamais consciência, e que não é outra coisa senão a sensação da alma quando fez o bem ou mal. Observai e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Acreditais que o cão não saiba quando fez o bem ou o mal? Se não o sentisse,

não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, enfim, tanto existe nele como no homem; sem isso seria negar-lhe o sentimento de gratidão, o sofrimento, os pesares, em suma, todos os caracteres de uma inteligência, caracteres que qualquer homem sério pode observar em todos os animais, conforme seus diversos graus, porquanto, mesmo entre eles, há diversidades extraordinárias.

Charlet

V

Rei da Terra pela inteligência, o homem é também um ser superior do ponto de vista material. Suas formas são harmoniosas e, para se fazer obedecer, seu Espírito tem um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o Gênesis. O animal olha a Terra e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Observai a infinita variedade que os distingue uns dos outros, variedade que, no entanto, não corresponde ao seu Espírito, porque os animais – e entendo sua imensa maioria – têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência. Assim, no animal, variedade de forma; no homem, ao contrário, variedade de Espírito. Tomai dois homens que tenham gostos, aptidões e inteligência semelhantes; e tomai um cão, um cavalo, um gato, numa palavra, mil animais e dificilmente notareis diferença em sua inteligência. O Espírito dorme no animal; no homem brilha em todos os sentidos. Seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da perfeição.

Assim, pois, no homem, a harmonia simples da forma, começo do infinito no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente por sua estrutura admirável e intelectualmente por suas imensas faculdades. Parece que, nos animais, aprouve a Deus variar mais a forma, encerrando o Espírito, ao passo que, no homem, fez do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência tanto é infinita no mundo material quanto no espiritual. O homem está para o animal como a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Nestas poucas linhas quis estabelecer o lugar que deve ocupar o animal na escala da perfeição. Veremos como pode elevar-se comparativamente ao homem.

Charlet

VI

Como se eleva o Espírito? Pela submissão, pela humildade. O que perde o homem é a razão orgulhosa que o leva a desprezar todo subalterno, a invejar todo superior. A inveja é a mais viva expressão do orgulho; não é o prazer do orgulho, é o desejo doentio, incessante, de poder fruí-lo. Os invejosos são os mais orgulhosos, quando se tornam poderosos. Olhai o mestre de todos vós, o Cristo, homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade. O Cristo, digo eu, em vez de vir com audácia e insolência para derrubar o mundo antigo, vem à Terra encarnar-se numa família pobre e nasce entre os animais. Porque encontrareis por toda parte esses pobres animais, a todos os instantes, onde o homem vive simplesmente com a Natureza, numa palavra, pensando em Deus. Nasce entre os animais e estes lhe exaltam o poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que material para reflexão! O Espírito ainda inferior que os animais pressente o Cristo, isto é, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão, o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus e bateu no seu animal. De repente o Espírito ilumina o Espírito ainda muito vago do jumento e este fala; por um instante torna-se igual ao homem e, por sua palavra, é o que será em milhares e milhares de anos. Poderíamos citar muitos outros fatos, mas este me parece assaz admirável, a propósito do que afirmei sobre o orgulho do homem, que nega até

a sua alma, por não poder compreendê-la e vai até a negação do sentimento entre os seres inferiores, no meio dos quais o Cristo preferiu nascer.

Charlet

VII

Eu vos entretive durante algum tempo com o que vos havia prometido. Como disse no início, não falei do ponto de vista anatômico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Terei ainda que vos falar de muitos outros pontos que, sendo bem diferentes, não são menos úteis à doutrina. Permitti-me uma última recomendação, a de refletirdes um pouco sobre o que eu vos disse: nem é extenso, nem pedante e, crede-me, nem por isso é menos útil. Possa o Bom Pastor um dia, quando dividir suas ovelhas, contar-vos entre os bons e excelentes animais que tiverem seguido melhor os seus preceitos. Perdoai esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, necessitais refletir no que vos digo. Aliás, continuarei a vos falar enquanto desejardes. Terei de vos dizer outra coisa da próxima vez, para definir meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

Charlet

VIII

Tudo quanto vos posso dizer no momento, amigos, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre vosso guia, pois é o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho, que deve necessariamente conduzir-vos à verdade e à unidade, malgrado os esforços cuja força não suspeitais.

A modéstia também é um dom muito difícil de adquirir; não é senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que para avançar na senda do bem, no caminho do progresso, só tendes de usar a modéstia. Que seríeis sem Deus e sem seus divinos preceitos? Um pouco menos que esses pobres animais, dos quais já vos falei e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi os rins e preparai-vos para lutar novamente, mas não fraquejeis. Pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas contra o Espírito do mal, que tudo invade e a vós próprios, a cada instante.

O que vos tenho a dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, após a queda moral do homem. Para concluir o que já vos disse sobre os animais, tomarei por título: O primeiro homem feroz e o primeiro animal tornado feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus. Não suspeitais de sua força, disse-vos há pouco. E embora esta última frase não tenha relação com a precedente, não é menos verdadeira e vem muito a propósito. Agora, refleti.

Charlet

Observação – O Espírito julgou por bem interromper naquele dia o assunto principal que vinha tratando, para fazer este ditado incidental, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar. Mesmo assim o publicamos, por encerrar instruções muito úteis.

IX

Quando foi criado o primeiro homem, tudo era harmonia em a Natureza. A onipotência do Criador tinha posto em cada ser uma palavra de bondade, de generosidade e de amor.

O homem era radioso; os animais desejavam seu olhar celeste e suas carícias eram as mesmas para eles e para sua celeste companheira. A vegetação era luxuriante. O Sol dourava e iluminava toda a Natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem. Numa palavra, todos os reinos da Natureza apresentavam essa calma infinita, que parecia compreender Deus. Tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Muito tempo depois, tudo pareceu mudar subitamente. A Natureza oprimida exalou um longo suspiro e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir. Terrível dia de desgraça, em que o homem, que até então não tinha ouvido senão a grande voz de Deus, que em tudo lhe dizia: “Tu és imortal”, ficou apavorado com estas terríveis palavras: “Caim, por que mataste teu irmão?” Logo tudo mudou: o sangue de Abel espalhou-se por toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica e tão colorida, murchou; o céu tornou-se negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo poderoso, invencível, que então tomou cada ser; a sede de sangue, o desejo de matança brilhavam em seus olhos, outrora tão suaves, e o animal tornou-se feroz como o homem. Já que o homem era o rei da Terra, não deveria ter dado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo e desde então a morte pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em vez de uma transformação suave e espiritual. O corpo do homem deveria dispersar-se no ar, como o corpo do Cristo, e dispersou-se na terra, nessa terra regada pelo sangue de Abel. E o homem trabalhou, e o animal trabalhou.

EXAME CRÍTICO

das dissertações de Charlet sobre os animais

SOBRE O § I

1. Dizeis: *Tudo o que vive, pensa; então não se pode viver sem pensar.* Tal proposição nos parece um tanto absoluta, pois a planta vive e não pensa. Admitis isto em princípio?

Resp. – Sem dúvida. Só falo da vida animal e não da vegetal, bem deveis compreender.

2. Mais adiante dizeis: *Vereis que o animal vive realmente, desde que pensa.* Não há inversão na frase? Parece-nos que a proposição é: *Vereis que o animal pensa realmente, desde que vive.*

Resp. – Isto é evidente.

SOBRE O § II

3. Lembrais o desenho que foi feito dos animais de Júpiter. Nota-se que há uma analogia surpreendente com os sátiros da fábula. Essa idéia dos sátiros seria uma intuição da existência desses seres em outros mundos e, neste caso, não seria uma criação meramente fantástica?

Resp. – Quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. O homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, quer mais atrasados que ele, quer mais adiantados. É o que ele chamava os deuses.

4. Então admitis que as divindades mitológicas não eram senão o que chamamos *Espíritos*?

Resp. – Sim.

5. Foi-nos dito que em Júpiter é possível o entendimento pela simples transmissão do pensamento. Quando os habitantes desse planeta se dirigem aos animais, que são seus serviçais e operários, recorrem a uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e, entre si, a do pensamento?

Resp. – Não; não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo muito intenso que faz curvar o animal e o leva a executar os menores desejos e as ordens de seus donos. O Espírito todo-poderoso não pode rebaixar-se.

6. Entre nós os animais têm, evidentemente, uma linguagem, pois se compreendem, embora muito limitada. Os de Júpiter têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos? Numa palavra, uma linguagem articulada?

Resp. – Sim.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais?

Resp. – Vêem através deles e os compreendem perfeitamente.

8²⁴. Se examinarmos a série dos seres vivos encontraremos uma cadeia ininterrupta, desde a madrépora, a própria planta, até o animal mais inteligente. Mas entre o animal mais inteligente e o homem há uma evidente lacuna, que em algum lugar deve ser preenchida, pois a Natureza não deixa elos vazios. Donde vem essa lacuna?

Resp. – Essa lacuna dos seres é apenas aparente; não existe na realidade. Ela provém de raças desaparecidas. [São Luís].

9. Tal lacuna pode existir na Terra, mas certamente não existe no conjunto do Universo e deve ser preenchida em alguma parte. Não o seria por certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem aproximar-se muito do homem terreno pela forma, pela linguagem e por outros sinais?

Resp. – Nas esferas superiores o germe surgido da terra desenvolveu-se e jamais se perde. Tornando-vos Espíritos, reencontrareis todos os seres criados e desaparecidos nos cataclismos do vosso globo. [São Luís].

24 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Observação – Desde que essas raças intermediárias existiram na Terra e dela desapareceram, justifica-se o que disse Charlet pouco atrás, que quanto mais novo o mundo, mais ele se lembrava. Se essas raças só tivessem existido nos mundos superiores, o homem da Terra, menos adiantado, não lhes poderia guardar a lembrança.

SOBRE O § III

10. Dizeis que tudo se aperfeiçoa e, como prova do progresso do animal, dizeis que outrora ele era mais rebelde ao homem. É evidente que o animal se aperfeiçoa, mas, pelo menos na Terra, só se aperfeiçoa pelos cuidados do homem. Abandonado a si mesmo, retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão.

Resp. – E pelos cuidados de quem o homem se aperfeiçoa? Não é pelos de Deus? Tudo é graduado em a Natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus-tratos e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para eles. Parece, de acordo com isso, que admitis no animal a consciência do *eu* após a morte, com a recordação do seu passado. Isto é contrário ao que nos foi dito. Se as coisas se passassem como dizeis, resultaria que no mundo espiritual haveria Espíritos de animais. Assim, não haveria razão para não existirem o das ostras. Podeis dizer se vedes em torno de vós Espíritos de cães, gatos, cavalos ou elefantes, como vedes Espíritos humanos?

Resp. – A alma do animal – tendes perfeitamente razão – não se reconhece após a morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar para o corpo de tal ou qual animal, conforme o desenvolvimento adquirido. Não é individualizada. Direi, todavia, que em certos animais, entre muitos, mesmo, há individualidade.

12. Aliás, esta teoria não justifica absolutamente os maus-tratos dos animais. O homem é sempre culpado por fazer

sofrer um ser sensível qualquer e nos diz a doutrina que por isso ele será punido. Mas daí a colocar o animal numa posição superior a ele, há uma grande distância. Que pensais disto?

Resp. – Sim; entretanto, sempre estabeleceis uma escala entre os animais. Pensais que há distância entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto mais poderoso.

13. Como explicais que, mesmo no estado selvagem, o homem se faça obedecer pelo mais inteligente animal?

Resp. – É principalmente a natureza que age assim. O homem selvagem é o homem da Natureza; conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda o animal e este se curva diante dele. O homem é sempre o homem perante o animal, seja selvagem, seja civilizado.

SOBRE O § V

14. [A Charlet] Nada temos a dizer sobre este parágrafo, que nos parece muito racional. Tendes algo a acrescentar?

Resp. – Apenas isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas neles o progresso se realiza pela educação que recebem do homem, e não por si mesmos. Abandonado no estado selvagem, o animal retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador. Submetido ao homem, aperfeiçoa-se; eis tudo.

15. Isto é perfeitamente certo para os indivíduos e as espécies. Mas se considerarmos o conjunto da escala dos seres há uma evidente marcha ascendente, que não se detém nos animais da Terra, pois os de Júpiter são física e intelectualmente superiores aos nossos.

Resp. – Cada raça é perfeita em si mesma e não emigra para raças estranhas. Em Júpiter são os mesmos tipos, formando raças distintas, mas não são os Espíritos dos animais que morreram.

16. Então em que se torna o princípio inteligente dos animais mortos?

Resp. – Retorna à massa em que cada novo animal extrai a porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, é principalmente isso que distingue o homem do animal. O Espírito é individualizado no homem e progride por si mesmo; é isso que lhe dá superioridade sobre todos os animais. Eis por que o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, faz-se obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.

SOBRE O § VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo. Seriamente, que pensais disso?

Resp. – É pura alegoria ou, melhor dizendo, uma ficção para flagelar o orgulho. Fizeram falar o jumento de Balaão, como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

SOBRE O § XI²⁵

18. Nessa passagem Charlet parece ter sido arrastado por sua imaginação, pois o quadro que faz da degradação moral do animal é mais fantástico do que científico. Com efeito, o animal só é feroz por necessidade, e foi para satisfazer a essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns devem nutrir-se de carne, é por uma razão providencial e porque era útil à harmonia geral que certos elementos orgânicos fossem absorvidos. O animal é, desse modo, feroz por constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem tivesse desenvolvido os dentes caninos do tigre e encurtado os seus intestinos, porque, então, não haveria razão para que o mesmo não tivesse ocorrido com o carneiro. Antes dizemos que o homem, sendo pouco adiantado na Terra, encontra-se com seres inferiores sob todos os

25 N. do T.: Há evidente inversão de letras. Na verdade Kardec se refere ao § IX (O XI não existe).

aspectos, cujo contato, para ele, é uma causa de inquietação, de sofrimentos e, conseqüentemente, uma fonte de provas que lhe auxiliam o progresso futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

Resp. – Só posso aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio. Eis por que me deixo arrastar, de vez em quando, pelo prazer de escrever belas frases, prazer tão novo para mim, mesmo com prejuízo da verdade. Mas o que dizeis é muito justo e muito inspirado. No quadro que tracei, bordei certas idéias recebidas, a fim de não melindrar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram a idade do ferro, muito afastadas das pretensas doçuras. Descobrimo diariamente os tesouros acumulados pela bondade de Deus, tanto no espaço quanto na Terra, a civilização levou o homem à conquista da verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregou enfeitada nas mãos dos Homens-criança, que deveriam descobri-la à custa da própria inteligência. Aliás, o erro que cometi não poderia ser prejudicial aos olhos das pessoas esclarecidas, que o reconheceriam facilmente; para os ignorantes passaria despercebido. Entretanto, concordo que errei; agi levianamente e isto vos prova até que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

OBSERVAÇÃO GERAL

Do ponto de vista da ciência espírita ressalta dessas comunicações um importante ensinamento. A primeira coisa que chama a atenção, ao lê-las, é uma mistura de idéias justas, profundas, que trazem a marca do observador, ao lado de outras, evidentemente falsas e fundadas mais na imaginação que na realidade. Indubitavelmente, Charlet era um homem acima do vulgo; mas, como Espírito, não é mais universal do que o era em vida e pode equivocar-se, porque, não sendo ainda bastante elevado, só considera as coisas de seu ponto de vista. Aliás, só os

Espíritos chegados ao último grau de perfeição estão isentos de erros; os outros, por melhores que sejam, nem tudo sabem e podem enganar-se; mas, quando verdadeiramente bons, o fazem de boa-fé e concordam francamente, ao passo que os outros o fazem conscientemente e se obstinam nas mais absurdas idéias. É por isso que nos devemos guardar de aceitar tudo quanto vem do mundo invisível, sem antes submeter ao controle da lógica. Os Espíritos bons o recomendam incessantemente e jamais se ofendem com a crítica, porque, de duas uma: ou estão certos do que dizem e, então, nada temem, ou não estão seguros e, se têm consciência de sua insuficiência, eles mesmos buscam a verdade. Ora, se os homens podem instruir-se com os Espíritos, alguns Espíritos também podem instruir-se com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que suas utopias sejam aceitas por causa de sua condição de Espírito. Então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não suportam a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem perfeitamente que vão perder no exame. Ofendem-se à menor dúvida sobre a sua infalibilidade e soberbamente ameaçam vos abandonar, como indignos de os ouvir. Assim, só gostam dos que se prostram de joelhos perante eles. Não há homens assim? E devemos admirar-nos de os encontrar com suas extravagâncias no mundo dos Espíritos? Nos homens, um tal caráter é sempre, aos olhos das pessoas sensatas, indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade e, portanto, de pequenez nas idéias e de falso julgamento. O que seria um sinal de inferioridade moral nos homens, não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Como acabamos de ver, Charlet se presta de boa vontade à controvérsia; escuta e admite as objeções, respondendo com benevolência; desenvolve o que era obscuro e reconhece lealmente o que não é exato. Numa palavra, não quer passar por mais sábio do que é, e nisso prova mais elevação do que se obstinasse nas idéias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam ao simples anúncio de que suas comunicações parecem susceptíveis de comentários.

O que ainda é próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus médiuns*, por meio da qual algumas vezes os fazem compartilhar dos mesmos sentimentos. Dizemos de propósito *seus médiuns*, porque deles se apoderam e neles querem ter instrumentos que agem de olhos fechados. De maneira alguma se acomodariam a um médium perscrutador ou que visse bem claro. Não se dá também o mesmo entre os homens? Quando o encontram, temendo que lhes escape, lhe inspiram o afastamento de quem quer que o possa esclarecer. Isolam-no de certo modo, a fim de poderem agir com inteira liberdade, ou só o aproximam daqueles de quem nada têm a temer. E, para melhor lhes captar a confiança, se fazem de bons apóstolos, usurpando os nomes de Espíritos venerados, cuja linguagem procuram imitar. Mas, por mais que façam, jamais a ignorância poderá simular o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude. O orgulho sempre se mostrará sob o manto de uma falsa humildade; e porque temem ser desmascarados, evitam a discussão e afastam seus médiuns.

Não há ninguém que, julgando friamente e sem prevenção, não reconheça como má uma tal influência, porquanto se torna evidente ao mais vulgar bom-senso que um Espírito verdadeiramente bom e esclarecido jamais procurará exercê-la. Pode-se, pois, dizer, que todo médium que a ela se submete está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar desembaraçar-se o quanto antes. O que se quer, antes de tudo, não são comunicações a qualquer preço, mas comunicações boas e verdadeiras. Ora, para se obter boas comunicações, são necessários Espíritos bons, e para ter Espíritos bons é preciso ter bons médiuns, livres de toda influência má. A natureza dos Espíritos que habitualmente assistem um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar. Para conhecê-la com exatidão há um critério infalível, e não é nos sinais materiais, nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que será encontrada. Esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium. Pela maneira

deste último agir pode-se julgar a natureza dos Espíritos que o dirigem e, conseqüentemente, o grau de confiança que merecem as comunicações.

Isto não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se admitirmos esta premissa: um mau pensamento não pode ser sugerido por um Espírito bom. Enquanto não se provar que um Espírito bom pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, ou que denote ódio, inveja, ciúme, orgulho ferido ou simples acrimônia, só pode ser inspirado por um Espírito mau, ainda que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porquanto, se fosse verdadeiramente bom, ele o provaria pondo seus atos em harmonia com suas palavras. A prática do Espiritismo é cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão sabichões, tão astuciosos e, ao mesmo tempo, tão numerosos, que nunca nos armaríamos de precauções suficientes para frustrar seus planos. Importa, pois, rebuscar com o maior cuidado os indícios pelos quais eles podem se trair. Ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem e nos atos que provocam.

Tendo submetido essas reflexões ao Espírito Charlet, eis o que disse a respeito: “Não posso senão aprovar o que acabais de dizer e exortar a todos quanto se ocupam do Espiritismo a seguir tão sábios conselhos, evidentemente ditados por Espíritos bons, mas que não são absolutamente, e bem podereis crê-lo, do gosto dos maus, pois estes sabem muito bem que esse é o meio mais eficaz para combater sua influência. Assim, fazem tudo quanto podem para desviar aqueles que querem prender em suas redes.”

Charlet disse que se deixou arrastar pelo prazer, novo para ele, de escrever belas frases, mesmo em prejuízo da verdade. Que teria acontecido se tivéssemos publicado seu trabalho sem

fazer comentários? Teriam acusado o Espiritismo de dar crédito a idéias ridículas e nós mesmos por não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; encontram uma satisfação para o amor-próprio em divulgar, através dos médiuns – já que não o podem fazer por si mesmos – obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego. Mas quando esses Espíritos têm apenas um falso saber, escrevem coisas absurdas, exatamente como o fariam os homens. É, sobretudo, nessas obras seqüenciadas que podemos julgá-los, uma vez que sua ignorância os torna incapazes de sustentar seu papel por muito tempo e eles próprios revelam sua insuficiência, chocando a cada passo a lógica e a razão. Através de uma porção de idéias falsas há, por vezes, algumas muito boas, de que se servem para fazer passar as outras. Essa incoerência apenas demonstra a sua incapacidade; são pedreiros que sabem alinhar as pedras de uma construção, mas que seriam incapazes de construir um palácio. É, por vezes, curioso ver o dédalo inextricável de combinações e de raciocínios em que se aventuram, e dos quais não podem sair senão à força de sofismas e de utopias. Vimos alguns que, à custa de expedientes, deixaram o trabalho, mas outros não se dão por vencidos e querem arrastá-lo até o fim, rindo-se a expensas dos que os levam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como um princípio geral e seria erro ver nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos publicados sobre o Espiritismo, sem dúvida alguns poderiam ensejar uma crítica fundada; mas não os pomos todos na mesma linha; indicamos um meio de os apreciar e cada um fará como entender. Se ainda não empreendemos fazer-lhes um exame em nossa *Revista* é pelo receio de que se equivoquem sobre o móvel da crítica que poderíamos fazer. Desse modo, preferimos esperar que o Espiritismo fosse mais bem conhecido e, sobretudo, melhor compreendido. Assim nossa opinião, apoiada em base geralmente admitida, não poderá ser suspeitada de parcialidade. O que esperamos acontece todo dia, pois vemos que em muitas

circunstâncias o julgamento da opinião adianta-se ao nosso. Só temos, portanto, que aplaudir nossa reserva. Empreenderemos este exame quando julgarmos oportuno o momento. Mas já se pode ver qual será a base de nossa apreciação: esta base será a *lógica*, da qual cada um poderá fazer seu próprio uso, pois não alimentamos a tola pretensão de lhe ter o privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos perfeitamente que aquele que raciocina de maneira errada julga ser lógico. Ele o é à sua maneira, mas apenas para si e não para os outros. Quando uma lógica é rigorosa como dois e dois são quatro, e as conseqüências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom-senso geral cedo ou tarde faz justiça a todos esses sofismas. Acreditamos que as proposições seguintes têm este caráter:

1º Os Espíritos bons não podem ensinar e inspirar senão o bem; assim, tudo que não é rigorosamente bem não pode vir de um Espírito bom;

2º Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem ensinar coisas absurdas; assim, toda comunicação eivada de erros manifestos ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação, só por isso atesta a inferioridade de sua origem;

3º A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das idéias, e não na forma material e na redundância do estilo; assim, toda comunicação espírita em que há mais palavras e frases brilhantes do que pensamentos consistentes, não pode provir de um Espírito verdadeiramente superior;

4º A ignorância não pode imitar o verdadeiro saber, nem o mal arremedar o bem de maneira absoluta; assim, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se atribui, é culpado por fraude;

5º É da essência de um Espírito elevado ligar-se mais ao pensamento do que à forma e à matéria, donde se conclui que a elevação de um Espírito está na razão da elevação das idéias; assim, todo Espírito meticoloso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, numa palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais, acusa, por isso mesmo, uma pequenez de idéias e não pode ser realmente superior;

6º Um Espírito verdadeiramente superior não pode contradizer-se; assim, se duas comunicações contraditórias forem dadas sob um mesmo nome respeitável, uma delas é necessariamente apócrifa; e se uma for verdadeira, será aquela que em *nada* desmente a superioridade do Espírito cujo nome a encabeça.

A consequência a tirar destes princípios é que, fora das questões morais, não se deve acolher o que vem dos Espíritos senão com reservas e, em todos os casos, jamais aceitá-las sem exame. Daí decorre a necessidade de se ter a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, sobretudo quando, pela estranheza das doutrinas que encerram, ou pela incoerência das idéias, podem prestar-se ao ridículo. É preciso desconfiar do pendor de certos Espíritos para as idéias sistemáticas, e do amor-próprio que buscam espalhar. Assim, é sobretudo nas teorias científicas que precisa haver extrema prudência, guardando-se de dar precipitadamente como verdades sistemas por vezes mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se forem lógicos, e como podendo servir de base para observações ulteriores, admite-se; mas seria imprudência tomá-los prematuramente como artigos de fé. Diz um provérbio: *Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente*. Ora, é o caso dos que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo mais ardente que refletido.

Bibliografia

Anunciamos a continuação de *O Livro dos Espíritos* sob o título de *Espiritismo Experimental*, e que deveria ter sido publicado em abril último. O trabalho foi retardado por algumas circunstâncias independentes de nossa vontade e, sobretudo, pela maior importância que julgamos dever lhe dar. Hoje está no prelo. Sua data de aparição será conhecida posteriormente.

Nota – A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número várias comunicações importantes que nos foram enviadas.

Allan Kardec